

A QUESTÃO DA MEMÓRIA: POR UMA METODOLOGIA E UMA ANÁLISE MAIS HUMANÍSTICAS DOS TESTES E PROTOCOLOS

THE MATTER OF MEMORY: TO THE CREDIT OF MORE HUMANISTIC METHODOLOGY AND ANALYSIS OF TESTS AND PROCEDURES

Diego Jiquilin Ramirez

Paulo de Souza Jr.¹

RESUMO: Às vezes, quando a tradição clínica discute questões linguageiras, falta, sobretudo por parte de médicos e fonoaudiólogos, uma reflexão humanística mais aprofundada. O presente artigo tem o intuito de levantar tal problemática. Nele, analisamos a aplicação de um protocolo por um neurologista em uma paciente com problemas de memória, com mal de Alzheimer. Previamente, fazemos uma discussão sobre a memória e posteriormente apresentamos um conjunto de dados, para os quais apontamos nossas críticas.

PALAVRAS-CHAVE: Memória, neurolinguística, testes e protocolos, nosologia

ABSTRACT: When clinical practice deals with language issues, a more deepened humanistic observation sometimes lacks, specially on the part of doctors, Speech Pathologist and, Speech Therapist. This article intends to expose this situation. We analyse here the application of a procedure by a neurologist in a patient with memory problems: Alzheimer's disease. First we discuss memory and after we present a set of results, at which our critical comments are aimed.

KEYWORDS: Memory, neurolinguistics, test and procedures, nosology.

1. Introdução

Quando o assunto é memória, são das mais variadas as abordagens que sobre ela se pretende(u) discorrer. As aproximações de Le Goff (1977), por exemplo, trazem a memória para um ramo achegado às ciências humanas e, em especial, à História. Ele descortina todo um panorama histórico-antropológico dos construtos humanos via *mnemise*.

Le Goff atravessa um percurso cronológico que tem como eixo condutor a escrita; descreve a relação da memória em algumas sociedades ágrafas, para as quais existem inclusive

¹ Lingüistas, Universidade Estadual de Campinas (diegojramirez@gmail.com, contra_sujeito@yahoo.com.br)

membros que ocupam o lugar de rememoradores de histórias, mitos, genealogias, etc. Posteriormente, discorre sobre o desenvolvimento da memória, da oralidade à escrita, da Pré-História à Antiguidade, em que o papel humano em recordar é estendido para formas artificiais de memória: a escrita, o calendário, a mensuração das distâncias.

Já na Idade Média, no Ocidente, o cristianismo com seu preponderante papel tem na Bíblia, na história de vida dos santos constantes exemplos da importância das promessas do divino. É também na Idade Média que a questão da memória se burocratiza, criam-se memoriais, memorandos, bibliotecas, diversos modos de arquivos, etc. Mais tarde, com o avanço tecnológico, já na Idade Contemporânea, as formas de memórias artificiais outra vez se multiplicam. De qualquer modo a memória coletiva sobrevive aqui num limiar com a História.

Outros vieses tipológicos da memória são constituídos pelas áreas médicas e pela psicologia, dos quais Cruz (2004) nos apresenta boas resenhas. Uma das primeiras dicotomias contrapõe *memórias de longo-prazo* à *memórias de curto-prazo*, que, como os próprios nomes indicam, fazem alusão quanto a sua permanência e duração. Apesar de haver certa confusão entre conteúdos e funções da memória, como indica a pesquisadora, é recorrente que as teorias e os métodos evoquem a linguagem para o conhecimento dos conteúdos da memória: o conhecimento da memória se dá através da linguagem. Nesse sentido é que se faz a distinção entre *memória declarativa*, aquela que “é responsável pelos registros de fatos, eventos ou conhecimentos” (CRUZ, 2004 p. 56), e a *memória procedural*, aquela que reúne “as memórias de capacidades ou habilidades motoras, sensoriais e hábitos (como andar de bicicleta, nadar, etc)”². Há ainda um sub-conjunto, dentro das memórias declarativas, que se subdivide em *memória episódica*, “que diz respeito às lembranças conscientes e aos episódios reais”³, e *memória semântica*, “que se refere ao uso da linguagem, ao conhecimento de mundo”⁴ — ambas gravadas na *memória de longo-prazo*. Outro subconjunto para as *memórias procedural* e *declarativa*, segundo Danion *et al* (2001, *apud* CRUZ 2004, p. 56), é o de memória *implícita*, adquirida de forma automática, e *memória explícita*, adquirida de forma consciente.

Outra classificação, agora em terreno da Psicologia, é o de *memória discursiva* (*lógica* ou *associativa*), que lida com a noção de armazenamento e fixação de palavras. O sujeito não reteria a forma da palavra em si, mas apresentaria um recurso discursivo para se chegar a palavra-alvo.

² *Ibidem*

³ *Ibidem*

⁴ *Ibidem*

Estudos no campo da neuropsicologia costumam considerar três estágios para a memória. Trillet & Laurent (1988, *apud* CRUZ 2004) falam de *aprendizagem*, *estocagem* e *lembrança*, o que Signoret (1987, *apud* CRUZ 2004) chama de *memorização*, *estocagem* e *rememorização*. O primeiro dos termos se refere “aos processos responsáveis pela formação e construção do traços mnêmicos, como a manutenção e aquisição dos traços” (p.58); a *estocagem* “compreende os fenômenos de consolidação e de esquecimento”⁵; e o terceiro dos termos diz respeito à “evocação espontânea ou o reconhecimento”⁶ dos traços.

Cruz nos atenta que a maioria dos estudos para a identificação dos tipos de memória não leva em consideração o papel do sujeito, enquanto aquele que lembra e esquece, mas priorizam, de acordo com as regularidades encontradas no processo, as bases teóricas do funcionamento da memória.

No campo das considerações sobre a patologia fica evidente que a pretensa objetividade das pesquisas neuropsicológicas se preocupa não mais que com a avaliação, o desempenho e o funcionamento, cuja maneira de descrever e classificar fases e etapas das degenerescências, do envelhecimento rumo à perda da memória podem ser equiparadas entre si⁷. Os testes e protocolos do passado e muitos dos ainda vigentes são belos exemplos.

E é aí que acreditamos que se inscrevem os excertos elencados para serem discutidos neste breve trabalho.

2. Aos dados

Para iniciarmos as discussões sobre o que nos chama a atenção nos dados selecionados, observemos o seguinte trecho de uma das sessões de aplicação de teste. Dele podemos depreender um traço forte da interação dos sujeitos em questão para que, a partir daí, possamos prosseguir com nossas observações:

(1)

Transcrição de um teste de nomeação (Teste de Estado Mental – MMS), em vídeo-aula de um professor da UNIFESP.

⁵ *Ibidem*

⁶ *Ibidem*

⁷ Cruz, *op. Cit.*

1. INV: Dona Nair, agora vou mostrar para a senhora algumas figuras, a senhora vai olhar e vai me dizer o que é cada figura // *o investigador mostra-lhe a figura de uma árvore* //
2. INV: // *o investigador mostra-lhe a figura de uma cama* //
3. SE: Cama.
4. INV: // *o investigador mostra-lhe a figura de uma flor* //
5. SE: Flor.
6. INV: // *o investigador mostra-lhe a figura de uma casa* //
7. SE: Uma casa.
8. INV: // *o investigador mostra-lhe a figura de um barco/canoa* //
9. SE: Barco.
10. INV: // *o investigador mostra-lhe a figura de uma escova de dente* //
11. SE: Isso aí é para o dente // *Ela faz com a mão o gesto de escovar os dentes* // Não me lembro do nome.
12. INV: // *o investigador pronuncia a primeira sílaba da palavra escova* // Es...
13. SE: Escova.
14. INV: // *o investigador mostra-lhe a figura de um funil* //
15. SE: Túnel, né?
16. INV: Não, não é um túnel. Esse aqui serve para por água em garrafa. Quando a gente quer mudar o líquido de um lugar para o outro.
17. SE: Fuzil.
18. INV: Não. É um funil.

(2)

Transcrição de um teste de nomeação (Teste de Estado Mental – MMS), em vídeo-aula de um professor da UNIFESP.

1. INV // *o investigador mostra-lbe a figura de um apito //*
2. SE: Isto aí parece uma bicicleta.
3. INV: Não. É um brinquedo, mas não é uma bicicleta. É um brinquedo que faz barulho.
4. SE: Mas a bicicleta não é um brinquedo?
5. INV: É um brinquedo que faz barulho, a gente assopra e faz barulho.
6. SE: não sei.
7. INV: // *o investigador mostra-lbe a figura de uma flor//*
8. SE: Flor.
(...)
9. INV: // *o investigador mostra-lbe a figura de uma máscara //*
10. SE: Xícara.
11. INV: Por que uma xícara?
12. SE: Parece uma xícara. Xícara até engraçada, né?!
13. INV: // *o investigador mostra-lbe a figura de um camelo //*
14. SE: Carneiro.
15. INV: Não, não é um carneiro. É um animal do deserto.
16. SE: Cameiro. Cameiro.
17. INV: Não, camelo.
18. SE: Camelo.
19. INV: // *o investigador mostra-lbe a figura de uma gaita //*
20. SE: Uma casa.
21. INV: Por que que é uma casa?
22. SE: // *Dona Nair apontando para a figura //* Tem um monte de janelinhas, olha.

23. INV: Na verdade isto aqui, Dona Nair, é uma coisa para fazer música. A gente assopra assim // *fazendo o gesto* // e faz a música. É uma ga...

24. SE: Gaita. Acertei, né?

2.1 O jugo

“Eu vou mostrar (...), a senhora vai olhar e vai me dizer o que é”. (excerto 1: 1)

Temos, aqui, a noção de submissão a um teste. Não há, aparentemente, nenhuma preocupação em fazer com que o indivíduo seja abonado da sensação de que está sendo testado. Há um sujeito ali diante dele, com algumas fichas, e que vai avaliá-lo: isso é capital.

A dimensão protocolar do teste, austera por si só, não mascara nem um pouco a preocupação patente com a tal “pretensa objetividade” da avaliação, há pouco mencionada. E, nesse sentido, as conclusões sobre os resultados obtidos por esses testes não deveriam deixar de lado fatores que podem ser — e são, cada qual à sua medida — condicionados pela configuração simbólica que se instaura pela dimensão de avaliação, e que a própria relação entre o sujeito testado e o avaliador está na pendência dessa configuração.

2.2. *Midia*

No caso dos excertos apresentados (1 e 2), trata-se da avaliação da memória através de um processo intersemiótico — imagens/palavras. E isso não é banal, já que as figuras podem apresentar algumas dificuldades para que se associem a palavras; na medida em que, minimamente, pode ser de uma complexidade fatal o seu reconhecimento — mostrar um aspargo para um sujeito de baixa renda, por exemplo; ou um tamanco olhado de trás, para qualquer um que só reconheceria um que estivesse de lado.

E caso se imagine o arranjo interpessoal criado pela situação de teste em sua conjugação com essas rugosidades na transdução de um *midium* a outro, também não é sem efeitos que a entendemos: a criação de ansiedade (des)envolvida enquanto as provas vão sendo executadas muito lhe deve. Cria-se uma espécie de efeito que remete ao lúdico, *a la* ‘imagem & ação’⁸, que traz uma certa noção de “competitividade” para o ato — o sujeito tem, supostamente, que dar conta daquilo que se apresenta para ele já que, se não der, estará em débito com certa expectativa, pois não terá executado bem a tarefa proposta:

“Acertei, né?” (excerto 2: 24)

Quando se mostra a escova de dentes — “isso aí é para o dente”, diz Dona Nair —, ocorre o reconhecimento da função do objeto. Há problemas, sim, com o acesso da palavra, mas não com a identificação do referente: isso é o que podemos inferir. Ela mesma é quem diz para o examinador: “não lembro *do nome* (excerto 1: 11; *grifo nosso*)”. E, no momento em que ele contribui com a primeira sílaba, ela é capaz de dizer o restante.

Atenhamo-nos, então, ao seguinte momento do teste, em que o examinador mostra um funil, ao qual Dona Nair responde “túnel”. Ele, então, diz que “não, não é um funil. Esse aqui serve para por água em garrafa. Quando a gente quer mudar o líquido de um lugar para o outro” (excerto 1: 16)

Acreditamos ser preciso que nos perguntemos: será que Dona Nair não sabe de fato para que serve o que lhe foi mostrado, a ponto de precisar dos esclarecimentos daquele que aplica o teste? Seria ‘túnel’ uma substituição tão fortuita assim, que nada tem em relação com funil? Ou seria exatamente o fato de remeter a algo que permite passagem, cilíndrico e que, privilegiado pelos fatores fonético-fonológicos, seduz a falante em optar por ela como a palavra eleita? O investigador explica o desenho, o que denuncia uma certa suposição por parte dele de que não se estaria reconhecendo o que aparece na figura, e que o problema não seria o

⁸ “Um dos jogos mais vendidos no mundo (mais de 30 milhões de unidades) agora com um novo dado que vai trazer novas regras e muito mais emoção! Desenhando, cada jogador deve transmitir uma palavra ou expressão para sua equipe. E fique de olho no tempo, você tem apenas alguns minutos. Não é necessário ser desenhista, o importante é usar toda a criatividade. Prepare-se para vencer este desafio...!” (de acordo com o site da loja que o comercializa: <http://www.americanas.com.br/AcomProd/579/254284>)

acesso lexical de fato. “Eu sei pra que serve, só não sei como se chama”, seria uma resposta possível de quem está sendo avaliado, caso quisesse repreender o investigador em sua atitude.

Em seguida, Dona Nair chega ainda mais perto da palavra esperada. O acento tônico agora coincide (/fuzíl/, /funíl/), e ela está a um fonema de diferença na execução. Mas já não estaria ela dizendo, de fato, ‘funil’, ainda que lhe estivesse falando outra coisa em termos de realização fonética?⁹ Não é o que parece imaginar o examinador, que imediatamente diz: “não. É um funil” (excerto 1: 18), o que reforça a idéia de que a pessoa está sendo testada — há, então, uma resposta certa.

Notamos, entretanto, que o problema se desvela mais profundamente. Ao se pressupor que as dificuldades aparecem no acesso à significação — o investigador de alguma forma dá uma entrada de dicionário a fim de que a falante forneça o verbete esperado —, e não ao significante — “verbeta” — em questão, o examinador como que ignora as tentativas da falante de ‘acertar’ nas respostas. Afinal, Dona Nair está tentando dizer o que ele espera, e não se mostra arbitrária em suas iniciativas.

“Uma análise desses protocolos, que tome como base suas tarefas, permite identificar que concepções de memória (e também de linguagem, de passado, de normal) estão ali subjacentes, bem como os métodos pelos quais a memória se dá a conhecer” (CRUZ, 2004, p. 59). Pode-se observar que a preocupação em ser pontual nas observações faz com que os testes dessa natureza pasteurizem de forma radical e tendenciosa as considerações sobre memória, de fato. Afinal, pelo que se pode notar, os excertos analisados denunciam que o examinador deixa de lado, por exemplo, a *memória discursiva*, e todo o esforço da falante através de recursos discursivos a fim de chegar à palavra; e reduz a memória a uma questão de acesso pontual a uma palavra supostamente armazenada em algum lugar pelo falante — o que não podemos dizer que não se trate de memória, evidentemente; mas parece estar longe de sê-la em seu sentido lato.

Por se tratar de alguma forma de algo consensualmente mais basal — parece menos significativo com relação à gravidade do problema se esquecer do que se comeu no almoço ao invés de se “esquecer” o que é um apito a ponto de não reconhecê-lo (ver excerto 2) —, os resultados desse teste podem ser catastróficos para avaliar o perfil de um sujeito.

⁹ Também no excerto 2, linhas 15-16.

2.3 Dá-se um jeito

Tavez uma das coisas mais interessantes a serem observadas nesses testes é como a falante faz para se esquivar dos problemas que vão aparecendo. Tanto dos problemas gerados pela doença — já que se tratam de dados de uma pessoa diagnosticada como portadora de Alzheimer —, quanto pelos próprios inconvenientes criados pelo teste, com os quais aqui nos deparamos.

Mas a falante não se deixa abater. Contorna o problema da melhor maneira que lhe parece possível.

“Mas a bicicleta não é um brinquedo?” (excerto 2: 4)

“Parece uma xícara (...) até engraçada, né?! (excerto 2: 12)

E, ao mesmo tempo, o examinador aparenta permanecer insensível às respostas. No dado 2, ao ser apresentada à figura de um camelo, Dona Nair vai de ‘carneiro’ até ‘cameiro’ em seu percurso em busca da palavra esperada. E o que lhe retorna do examinador? “Não, camelo”. (excerto 2: 17).

Frente a essa situação, a falante tenta até mesmo justificar seus enunciados, como no excerto 2:4, acima. Ela se vê incorreta, já que há discordância do examinador, e procura enquadrar sua resposta: afinal, a bicicleta é, de fato, um brinquedo, e não seria um bom argumento para negar seu enunciado dizer que, no desenho, se trata de um brinquedo (o apito) — isso não invalidaria sua resposta.

Devido ao fato de não se poder, infelizmente, depreender mais recursos conversacionais nesses casos selecionados — por conta da pouca extensão do material —, nossa análise também não pode ir muito além.

3. Conclusões

A memória, portanto, ainda que passível de ser pensada em várias dimensões e, dentro de uma dimensão, sob vários aspectos — e por isso seria fatalmente alvo da insuficiência de um teste, sobretudo quando se trata estritamente de um protocolo — é drasticamente reduzida num teste como esse que podemos ver.

Uma análise do mesmo material, mas multimodal, nos possibilitaria observar o comportamento físico da falante: como ela se comporta frente ao examinador de forma mais abrangente. Isso certamente nos daria mais informações a respeito da relação entre os dois, e de como a falante entoa suas falas; o que muito nos poderia informar sobre as condições às quais ela está simbolicamente submetida.

Os modos de investigação da memória, bem como os de outros processos cognitivos, constituem também os modos de conceber o que ela é e como se exhibe. Nesse contexto, os testes-padrão avaliativos são representantes de uma prática de investigação neuropsicológica. A análise que se pode fazer dos testes neuropsicológicos se configura de duas formas, uma delas, que considero mais geral, discute as implicações das avaliações feitas por meio de testes. Essa análise estende-se a todo tipo de avaliação que se baseia em julgamentos de valor, o que é certo e errado, bom e ruim, normal ou patológico. A situação de aplicação de teste é reconhecida como uma prática em nossa sociedade (CRUZ, *op. cit.*, p. 59).

E pagamos algum preço por isso; sobretudo se não se dá ouvidos ao que diz aquele que carrega em si o sintoma:

“Tem um monte de janelinhas, olha!”

4. Bibliografia

CRUZ, F. **Uma perspectiva enunciativa das relações entre linguagem e memória no campo da neurolingüística**. Dissertação de Mestrado. IEL-Unicamp, 2004.

LE GOFF, J. **História e Memória**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1996.

